

---

Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.

---



Detalhe de capa de *Democratização do colo: educação antirracista para e com bebês e crianças pequenas* (Santos, 2024) | Imagem: Cassiana Paula Cominato

## **Vozes da Educação Infantil – Resenha de *Infâncias Negras: vivências e lutas por uma vida justa*, organizado por Nilma Lino Gomes e Marlene de Araújo**

**Lelane Ferreira Nunes (SEMED-São Gabriel/BA/Uneb)**

**Resumo:** *Infâncias negras: vivências e lutas por vida justa*, organizado por Marlene Araújo e Nilma Lino Gomes, busca discutir infâncias negras, quilombolas e escolares frente ao racismo. Carece de maior integração entre capítulos e aprofundamento em soluções, mas valoriza vozes infantis e comunitárias, fortalecendo estudos étnicos e educacionais.

**Palavras-chave:** infâncias negras; quilombolas; racismo; educação infantil; identidade.

*Infâncias negras: vivências e lutas por vida justa* é uma coletânea de vários ensaios escritos por diferentes autores pesquisadores. O livro, com prefácio de Cristina Teodoro e a apresentação de Marlene de Araújo e Nilma Lino Gomes (também organizadoras), está estruturado em duas partes.

Os capítulos são organizados conforme eixos centrais: as lutas por direitos para garantir a dignidade das infâncias negras e as vozes das comunidades quilombolas. A segunda parte aborda a relação entre as crianças negras, a escola e as mães trabalhadoras, além das urgências da escuta atenta às vozes infantis na educação infantil e suas percepções sobre o racismo.



O Capítulo 1, escrito por Marlene Araújo e Nilma Lino Gomes, apresenta uma análise perspicaz e crítica da intersecção entre infâncias, relações étnico-raciais e garantia de direitos no cenário político antidemocrático. O ensaio busca compreender a complexa e tensa interação entre as experiências da infância e a realidade das relações étnico-raciais, em um período marcado por desafios à democracia e à justiça social. Por meio de uma abordagem multidisciplinar, as autoras investigaram questões sobre vivências infantis, principalmente de crianças negras, e sua relação com estruturas de poder e opressão presentes na sociedade.

Uma contribuição do texto é a forma como as autoras analisam o panorama da atual conjuntura antidemocrática e seus impactos nos direitos das crianças, especialmente aquelas pertencentes a grupos étnico-raciais marginalizados. O texto aprofunda a análise das políticas e discursos discriminatórios sobre a infância negra, destacando como a falta de políticas públicas inclusivas afeta desproporcionalmente essas crianças. Trata-se de uma contribuição significativa para a compreensão das interseções entre a infância, as relações étnico-raciais e contexto político. No entanto, uma possível limitação do trabalho reside na ausência de uma abordagem abrangente sobre possíveis soluções ou estratégias para lidar com a situação descrita. O texto analisa os desafios e oferece uma perspectiva crítica do cenário, mas poderia explorar alternativas concretas pelas quais a sociedade e os governos podem agir para atenuar as desigualdades mencionadas.

O Capítulo 2, escrito por Patrícia Maria de Souza Santana, é uma reflexão profunda sobre identidade e cultura. Este ensaio apresenta uma perspectiva crítica e contemplativa dessas filosofias de vida, evidenciando sua relevância na formação identitária e cultural das crianças quilombolas em contexto de desafios sociais e políticos. Santana apresenta de maneira concisa e acessível os conceitos de "Bem Viver" e "Ubuntu", enraizando-os nas tradições culturais indígenas e africanas. Esses conceitos oferecem uma perspectiva pela qual as crianças quilombolas compreendem suas experiências e constroem suas relações com a comunidade e o ambiente. A autora demonstra como essas filosofias promovem valores como solidariedade, respeito mútuo e harmonia com a natureza.

Uma das contribuições mais significativas do ensaio é a maneira como a autora fornece exemplos concretos de como as crianças quilombolas vivenciam e incorporam o "Bem Viver" e o "Ubuntu" em suas vidas cotidianas. Ela explora histórias e vivências reais, trazendo à tona as vozes das próprias crianças. Essa abordagem da vida às ideias tolerantes, tornando-as tangíveis e permitindo ao leitor compreender o impacto desses princípios em um nível pessoal. O ensaio poderia aprofundar a análise dos desafios que as crianças quilombolas enfrentam ao conciliar suas tradições culturais com as demandas da sociedade

contemporânea. Embora o texto apresente uma visão positiva desses conceitos, uma perspectiva crítica dos possíveis conflitos e tensões enriqueceria a discussão.

O Capítulo 3 foi escrito por Maria Goreth Herédia Luz, Yone Maria Gonzaga e Ridalvo Félix de Araújo. Trata-se de um estudo sobre as ricas manifestações culturais e festivas de uma comunidade específica. Com olhar participativo e profundo, as autoras exploram a vitalidade das celebrações sob perspectiva antropológica e sociocultural. Os autores capturam a atmosfera e a energia das celebrações de forma vívida. Ao compartilhar histórias e depoimentos dos participantes das festas, as autoras conectam o leitor às experiências pessoais e aos significados inerentes a esses rituais, explorando a riqueza cultural em profundidade. No entanto, a narrativa apresenta fragmentação, prejudicando a fluidez da leitura. A divisão em seções distintas para abordar diferentes aspectos das festas consolidaria as informações e facilitaria a compreensão.

No Capítulo 4, Aline Alves apresenta uma perspectiva perspicaz sobre como pessoas negras jovens constroem e vivenciam suas geografias culturais. O texto apresenta as experiências autônomas desse grupo e sua relação com a identidade étnica e territorialidade. Embora a análise seja substancial, uma exploração das instituições sociais enriqueceria o texto. A escrita acessível e o foco nas vozes dos sujeitos tornam o capítulo envolvente e relevante, contribuindo para os estudos étnicos e geográficos.

O Capítulo 5, de autoria de Ademilson de Souza Soares, Lisa Minelli Feital e Regina Lúcia Couto de Melo, foca nas perspectivas e experiências de meninas negras em ambientes da educação infantil. Por meio de análises secundárias, os autores investigam como essas narrativas desafiam discursos dominantes e reivindicam espaços de igualdade. A abordagem nas experiências das meninas é relevante, embora uma discussão mais aprofundada sobre a interseção de gênero e raça pudesse enriquecer o texto. A clareza da escrita e o compromisso com a representação autêntica das experiências infantis tornam o capítulo valioso e relevante para a discussão antirracista na educação. Trata-se de uma contribuição significativa para os estudos educacionais e as lutas pela igualdade.

O Capítulo 6, de Tânia Aretuza Ambrizi Gebara, apresenta um exame profundo da dinâmica educacional em núcleos familiares mistos. A pesquisadora investiga como as relações étnico-raciais se desenvolvem nesses contextos. O estudo, cuidadoso e enriquecedor, beneficiar-se-ia de uma análise mais ampla das forças sociais envolvidas. A clareza da escrita e a ênfase na interseção entre raça e estrutura familiar tornam o capítulo esclarecedor. A obra contribui significativamente para a compreensão das complexidades étnico-raciais nas famílias inter-raciais e enriquece o debate sobre identidade.

Na conclusão desta avaliação, destacam-se algumas limitações. Determinados capítulos necessitam de análises mais profundas das soluções propostas para lidar com as questões abordadas. A inclusão de uma seção final integradora, que articule as diferentes análises e apresente os princípios fundamentais, fortaleceria a coesão entre os temas discutidos. 'Infâncias Negras: Vivências e Lutas por Vida Justa' constitui uma contribuição valiosa aos estudos étnicos e às discussões sobre a infância. Com sua multiplicidade de perspectivas e abordagens, a obra proporciona um exame minucioso das complexidades enfrentadas pelas crianças negras, evidenciando sua resiliência na busca por justiça e igualdade.

---

## Sumário de *Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa*.

Prefácio | Cristina Teodoro

Apresentação | Marlene de Araújo e Nilma Lino Gomes

Parte I. Infâncias negras: lutas para a garantia de direitos e vozes quilombolas

1. Infâncias e relações étnico-raciais: a tensa luta pela garantia de direitos em tempos antidemocráticos.
2. O bem viver e o ubuntu das crianças quilombolas
3. Hoje é dia de festa maior! Eh, viva, eh, viva!
4. Camaradas fazem geografias negras na infância e na adolescência

Parte II. Infâncias negras e famílias: vozes e imagens em movimento

5. Lutas antirracistas: a voz de meninas negras na educação infantil
6. Infâncias de mães e de filhas/os: educação das relações étnico-raciais em famílias inter-raciais

---

## Resenhista



Lelane Ferreira Nunes cursa mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGEAFIN/UNEB) e foi coordenadora pedagógica da rede Municipal de ensino de São Gabriel/BA. ID Currículo LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2920127484436114>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2235-5799>; Redes sociais: @lelanepsicopedagoga; E-mail: [lelanetrabalho@gmail.com](mailto:lelanetrabalho@gmail.com).

---

## Para citar esta resenha

GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de Araújo (orgs.) *Infâncias negras: Vivências e lutas por uma vida justa*. Petrópolis: Vozes, 2023. 208 p. Resenha de: NUNES, Lelane Ferreira. Vozes da Educação Infantil. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 24, p. 11-14, set./out., 2025.

---

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).